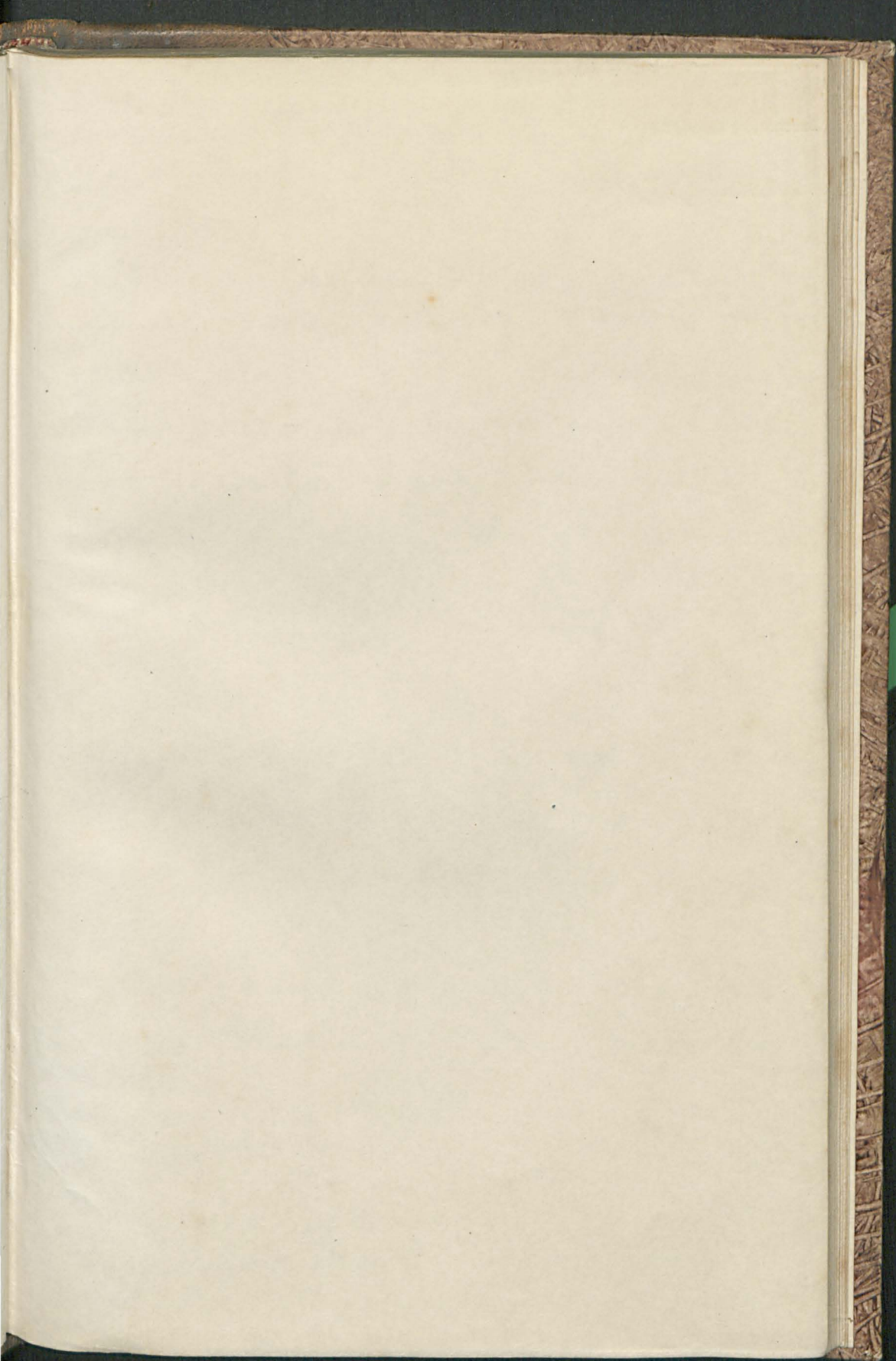
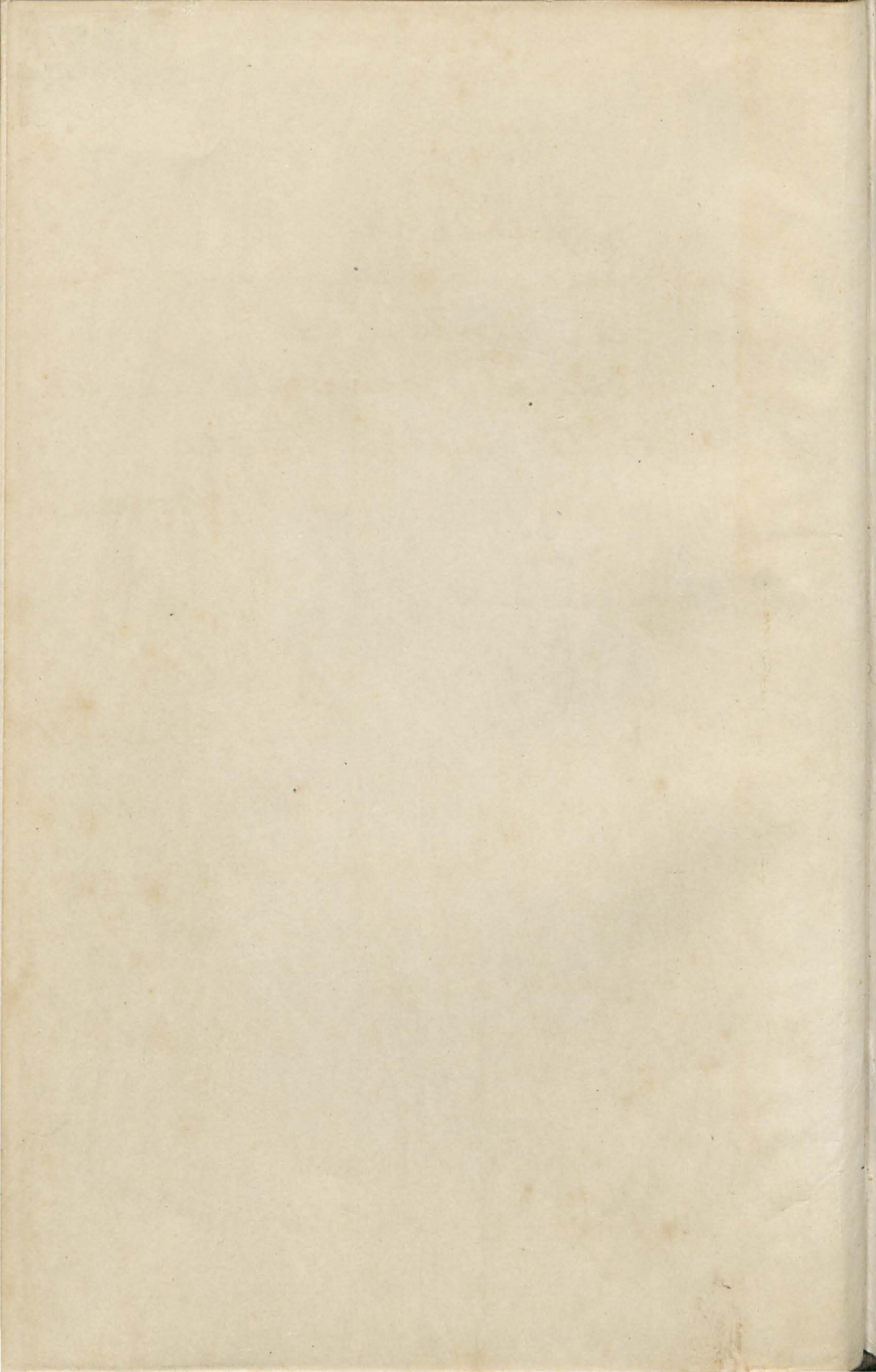


ENCADERNAÇÃO  
A. NARDI

T. 143497





Sergio Buarque de  
Oliveira, dois dias, a êne  
de a,

com a parte de <sup>MARIO SOBRAL</sup>  
minim que talvez este li-  
vro não conte... Será que  
não conta mesmo? Acho  
que conta sim tudo o  
que afinal não passo

## HA UMA GOTTA DE SANGUE

### EM CADA POEMA

de, vulgo: uma bête.  
Adonde é mesmo que  
você está morando agora?  
De automovel sei ir po-  
rém pelo Correio não sei  
ergo: baldeação Pruden-

SÃO PAULO  
FOGAI & COMP.  
MCMXVII

tico. *[assinatura]*

P.S. - Aquelle «ergo» é la-  
tino. Não trata-se do verbo  
«erguer» só usavel em li-  
ngua manada.

UNICAM  
ORR  
S B'W

## Explicação

O autor crê necessária esta pequena explicação. Estes poemas foram compostos todos em Abril; e desde logo o autor quis dar-lhes a vitalidade de livro—antes de ter o desvairo dos idólatras atingido o nosso Brasil.

Hoje não ha mais o ontem em que fomos espectadores. Hoje tambem os versos seriam muito outros e mostrariam um coração que sangra e estua.

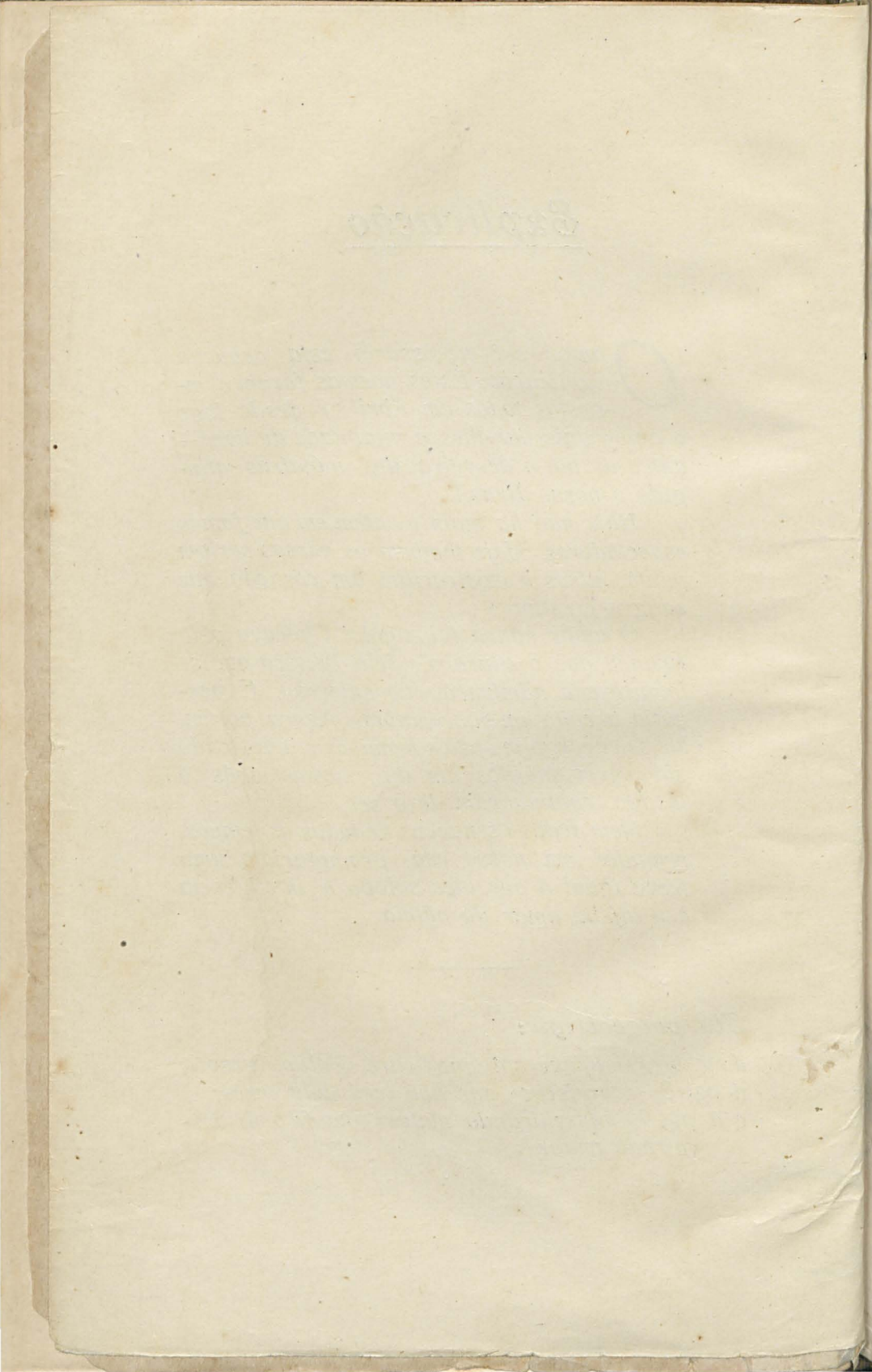
O autor nunca foi aliado. Chorava pêla França que o educara e pêla Bélgica que se impusera a admiração do universo. E permitia a cada um sua opinião... Agora, porém, êle se envergonha pêlos brasileiros que, tendo sido germanófilos um dia, mesmo após o insulto, continuaram de o ser.

Nem todas as nuvens de todos os tempos, reunidas em nosso ceu, propagariam uma treva igual á que lhes solapa a intelligência e o infeliz amor da pátria.

---

*Ha por corrigir:*

á pg. 5—«Police versol» que ficará «Pollice versol»;  
á pg. 8—«corriscos» que não terá dois erres;  
e á pg. 9—«desvairando matar» que ficará «desvairado matar».



## *Biografia*

*São Paulo o viu primeiro.*

*Foi em 93.*

*Nasceu, acompanhado daquela estragosa sensibilidade que deprime os seres e prejudica as existências, medroso e humilde.*

*E, para a publicação dêstes poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer.*

*Abril de 917.*



## Prefácio

Perdão. — Também, no mato, se depara  
guarantam que tombou, no último esmáio,  
porquê, vencido á chuva, o estraçalhara  
—Police verso!—o gládio irial do ráio...

Tombou entre os cipós. E, quando Máio  
sôbre o exício medonho se escancara,  
vê que o recobre o riso novo e gáio  
das trepadeiras e da manhã clara.

—Por sôbre o torso lívido e canhestro  
da Europa em ruina vem tambem agora  
brilhar, de manso, o Máio em Sol dum estro:

deixai, floresçam, nos seus tons diversos,  
as rosas matutinas desta flora,  
a primavera dêstes simples versos!

\* \*  
\*



## Exaltação da Paz

O' paz, divina geratriz do riso,  
chegai! O' doce paz, ó meiga paz,  
sócia eterna de todos os progressos,  
estendei vosso manto puro e liso  
por sôbre a Terra, que se esfaz!

O' suave paz, grandiosa e linda,  
chegai! Ponde, por sôbre os trágicos successos,  
dos infelizes que se degladiam,  
vossa varinha de condão!  
Tudo se apague! êste ódio, esta cólera infinda!  
Fujam os ventos maus, que ora esfuziam;  
que se vos ouça a voz, não o canhão!  
O' suave paz, ó meiga paz!...

O Sol, nas arraiadas calmas,  
brilhara sôbre montes, sôbre vales,  
sôbre inconsciências de campônios,  
sôbre paisagens de Corot;  
havia beijos mornos de favônios,  
e aos altos montes e nos fundos vales  
os galhos eram compassivas almas,  
dando sombras no prado e frescura nas fontes...  
— Hoje, por vales e por montes,  
tudo mudou.

Tudo mudou!... Atra estralada de bombardas  
em sanha, um clangorar de márcios trons reboando,  
tempestades terrestres estrondeando,  
tiritir, sibilar, zinir miudo de balas  
caindo sôbre absconsas valas,  
corriscos, ráios levantando-se de covas,  
batalhões infernais em soturnas atoardas,  
clarins gritando, baionetas scintilando,  
bramidos, golpes, ais, suspiros, estertores...

Que é dos outonos de húmidos calores?  
que é das colheitas novas?...

Onde as foices brilhando ao Sol?  
onde as tardes de rouxinol?  
onde as cantigas? onde as camponesas?  
onde os bois nas charruas?  
onde as aldeias de sonoras ruas?  
onde os caminhos com arvoredos e framboezas?  
Tudo mudou!

gira na Terra  
o tripúdio satânico da guerra.

Porquê? — Si o mundo é bom, a vida boa ;  
si a luz é para todos, si as campinas  
dão para todos :  
porquê viver, lutando atoa?...

Insultos, cóleras, apodos,  
a carniçal volúpia das chacinas,  
os ódios que se batem,  
as mil raivas que se combatem,  
Alsácias vergastadas,  
heróicas Bêlgicas dilaceradas,  
Lièges desfiguradas,  
sânie, ruina, infinitas sepulturas,  
desvairando matar, hecatombes monstruosas...  
E de nenhuma parte um beijo de perdão!

Vão para a guerra, desdenhando-lhe as agruras,  
todos vestidos de coragens ambiciosas :  
e acaso alguém terá razão?...

Muito mais ter razão é conduzir as gentes  
pêlo caminho bom das alegrias :  
sem, com os exércitos ingentes,  
acordar os convales e as vertentes,  
e os ecos virginais das serranias.

...Provocar nas cidades, nas aldeias,  
as guerras sacrossantas dos trabalhos;  
distribuir pêlos povos  
trigos e livros a mancheias;  
honrar, com outros novos,  
os monumentos velhos e grisalhos...

...Derramar a verdade em cada casa;  
dar-lhe um livro, que é fôrça; educação, que é uma asa;  
por-lhe á janela as flores caprichosas,  
por-lhe a fartura no limiar;  
e sôbre ela fazer desabrochar  
o riso, como desabrocham rosas...

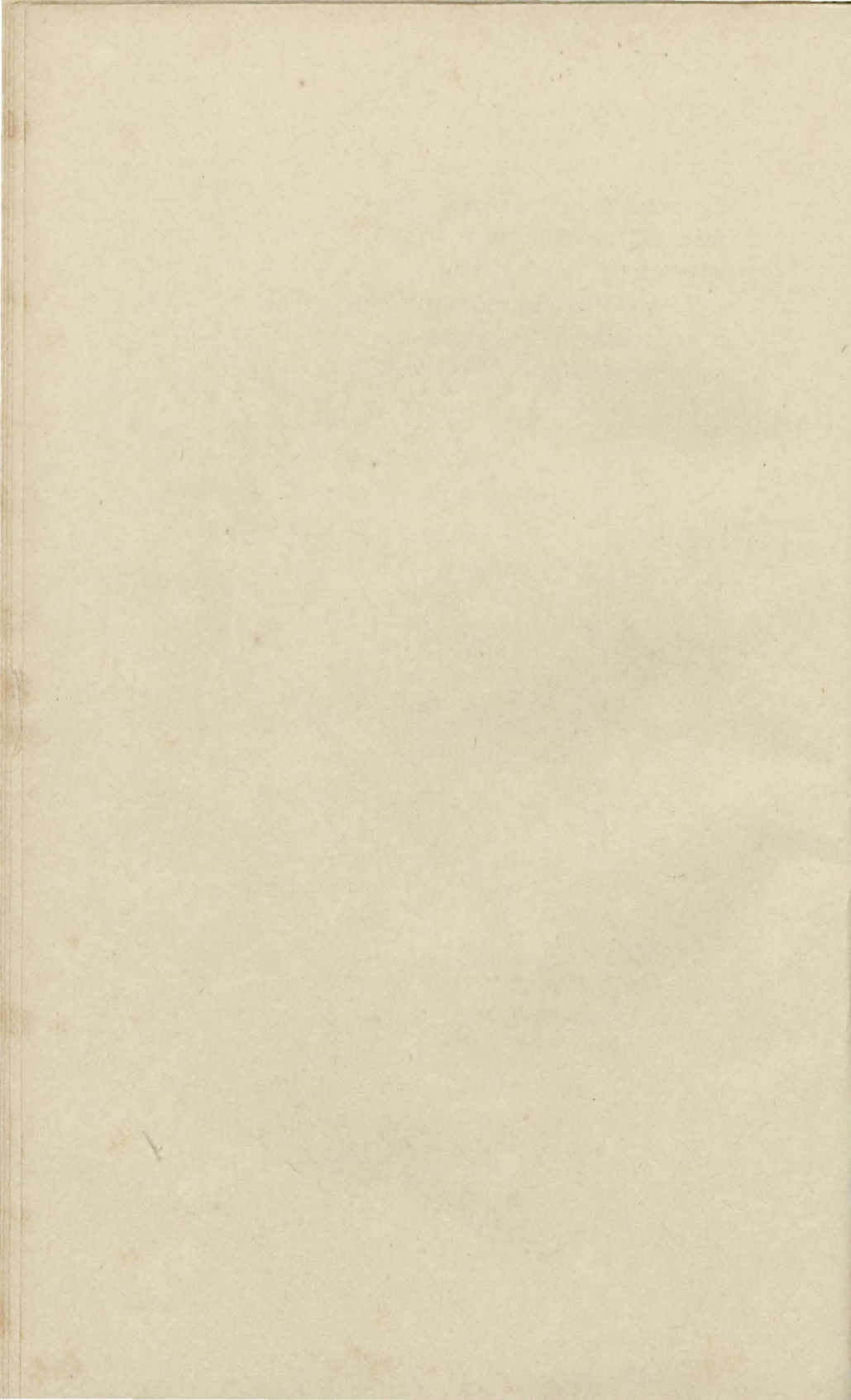
Ter razão é levar pêlo atalho da fé.  
E' as greis humanas, pêla primavera,  
quando a terra toda é  
florida como uma quimera,  
conduzir para a luz, para a alegria,  
para tudo que é róseo e que é risonho,  
para tudo que é poema ou sinfonia,  
para o arrebol, para a esperança, para o sonho!...

O' doce paz, ó meiga paz!...  
Vinde divina geratriz do riso;  
estendei vosso manto puro e liso  
por sôbre a Terra que se esfaz!

E novamente os povos sossegados,  
mais felizes alfim, menos incréus,  
envolvereis, ó paz imensa!

—De novo os cantos rolarão nos prados;  
e os homens todos rezarão aos céus,  
numa ressurreição da esperança e da crença!







## Inverno

O vento reza um cantochão...

Meio-dia. Um crepúsculo indeciso  
gira, desde manhã, na paisagem funesta...

De noite tempestuou  
chuva de neve e de granizo...

Agora, calma e paz. Sòmente o vento  
continua com seu oou...

Destacando-se na brancura,  
os últimos pinheiros da floresta,  
ao vendaval pesado e lasso,  
como que vão partir em debandada :  
parece cada qual, com a cabeça dobrada,  
uma interrogação arrojada no espaço.

O vento rosna um fabordão...

Qual um mármore plano de moimento,  
silenciou o caminho. E' a sepultura,  
profana, sem unção,  
onde, com a última violeta,  
jaz a franca alegria do verão...

Ha ventania, mas  
ha solidão e paz.  
Ninguem. Os derradeiros pios  
voaram de manhãzinha; mas em breve  
sepultaram-se sob a neve,  
mudos e frios.  
Tudo alvo... apenas a tristeza preta,  
e o vento com seus roncoss...  
Ninguem.  
— Alguem!  
Olha, junto dos troncos,  
um reflexo de baioneta!...



## Epitalâmio

E' sempre assim. De manhãzinha, braço dado,  
nos jardins claros do hospital,  
êle mancando, a ela apoiado,  
silenciosos, lado a lado,  
dão o passeio matinal.

E, vagarosamente, se entranhando  
no perfume vermelho da manhã,  
ela vem triste, como que sonhando,  
— ela, que é sã —  
e êle, — o ferido — traz sorrisos francos,  
vem assobiando entre seus lábios brancos  
uma valsa alemã...

E no fundo do parque redolente,  
onde tudo é perfume e som,  
sentam-se e dizem, já maquinalmente:  
“Êtes vous las?” — “Oh! non!”

Então êle, com sua voz quebrada,  
vendo o Sol que no longe aponta,  
entrando sorrateiro sob a touca,  
brincar entre os cabelos brunos dela,  
pêla décima vez conta e reconta  
como o prenderam e feriram pêla  
tardinha, ao proteger a retirada  
dos seus soldados.

Ela, dedos febris entrelaçados,  
bebe o reconto que lhe sai da boca.

E êle lembrando, sem vanglória, o heroismo  
que praticou, a vê chorar...  
Então se arrasta para junto dela,  
pergunta-lhe a razão do seu mutismo,  
pede-lhe as mãos para beijar...

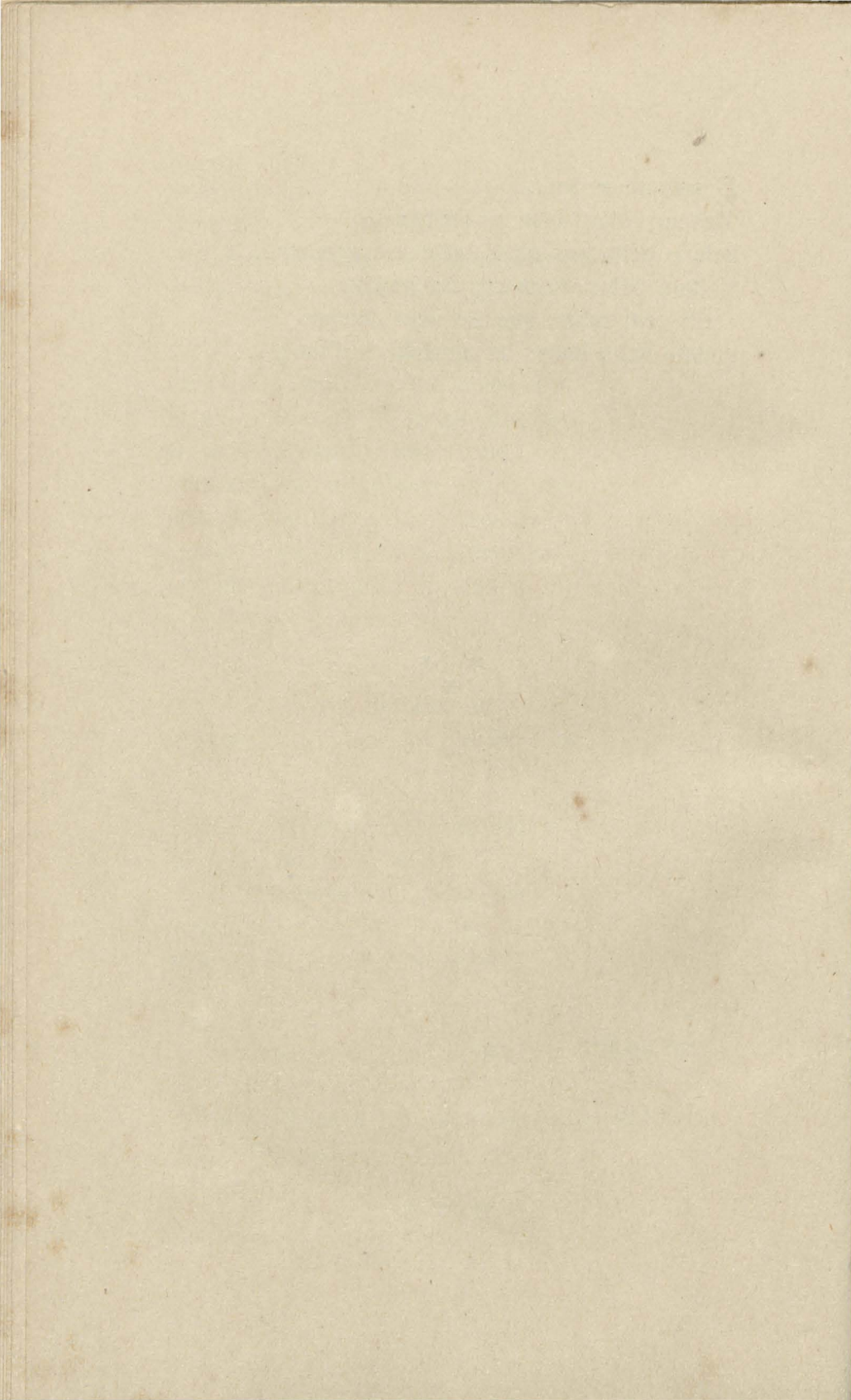
— “Porquoi pleures tu?” — “Moi!” — “Mais oui!...”  
E no seu colo se debruça,  
cola-lhe a boca ás mãos; e enquanto êle soluça,  
agora, ela sorri.

E' sempre assim...

Mas ao voltar, vem resplendendo  
nela o beijo nas mãos, nêle a esperança...

Voltam pêlos meandros do jardim,  
e ela vem rubra, que êle vem dizendo  
quanto acha lindas as manhãs de França...







## Refrão de Obús

Partir pêlo ar, atravessar girando  
o ambiente perfumado do verão  
Sentir o vento novo e brando ;  
no ímpeto da carreira,  
perfumar-se e abrandar-se á viração!...

Partir, com o íntimo esforço, velozmente :  
ver na campina a última leira,  
rasgada pêlo último arado,  
aberta a boca mansa, esperar a semente!...

Partir, ouvindo os passarinhos,  
que despertara a cotovia,  
musicar, lado a lado,  
o êxtase florescido dos caminhos!...

O! como é bom partir, subindo!...  
Sob a palpação da madrugada fria,  
á ovação triunfal do dia infante e lindo  
ó! como é bom partir subindo!...  
Partir, alimentando um desejo de escol;  
partir, subindo pêlo espaço para o Sol!...

Mas na suprema glória de subir,  
sentir  
que as fôrças vão faltar :  
e retornar de novo para a Terra;  
e servir de instrumento numa guerra;  
e rebentar,  
e assassinar!...

## Primavera

Fôra desmantelado,  
quando, golfando pêla fauce aberta  
o atestado dos órfãos e das viovas,  
um grande obús lhe rebentara ao lado...

No modesto recanto do jardim  
da aldeia miserável e deserta,  
na sua herança má de mudo e eterno,  
extático e sem fim,  
viu, no outono, morrer o Sol das chuvas,  
entrajou-se de neve em pleno inverno;  
e agora, á sussurrante primavera  
mostra no beíço o riso do jasmim...

Converteu-se. Sorriu á natureza;  
perdoou a rabujice ao vento sul;  
e, no êxtase imortal — Santa Tereza  
da primavera — êle olha esperançosamente,  
essa visão seráfica e esplendente,  
a claridade mágica do azul...

Na culatra soaberta, onde altos estampidos  
gerara a bala estrepitosa e fera,  
fizeram ninho as andorinhas...  
Culatra! — geradora de gemidos,  
geradora de implumes avezinhas!...

Cobre-lhe uma roseira o desnudo cinismo.  
Tem a bençã do luar, nas noites perfumosas.  
Vem ungil-o ás manhãs o Sol de Abril.  
E o canhão convertido, odorante e gentil,  
na imota unção de seu catolicismo,  
ouve o «Te Deum» das abelhas sôbre as rosas...

\* \*  
\*

## Espasmo

Êle morre. E tam só! Move-se e chama.  
Quer chamar: sai-lhe a voz quasi sumida;  
e pêlo esforço, sôbre o chão de grama  
jorra mais sangue da ferida...

Vai morrer... Angustiado, a noite inteira,  
— noite encantada dum estio morno —  
viu o tempo seguir entre as horas caladas;  
nem percebeu a Lua cálida e trigueira,  
com mil clarões afuzilando em tôrno;  
e o broche colossal das estrêlas douradas!

Olha agora. A alvorada  
começa de brilhar nos longes glabros.  
Perto, galhos de arbustos sonolentos,  
onde a luz se dissolve na orvalhada,  
são como verdes candelabros,  
confortando-lhe os últimos momentos...

Estira os braços... Os odores,  
em revoada puríssima e louçã,  
sobem, cantantes, multicores,  
cheios da fôrça nova da manhã...

Êle pudera ouvir, caindo,  
quando o estilhaço lhe rasgara o abdômem,  
as joviais ovações dos seus soldados,  
e, na fugida, os inimigos dizimados,  
e os seus, em fúria, os perseguindo...  
— E não restara um homem.

Depois, reviu os seus, a procural-o,  
—altos lamentos pêla noite clara...  
Por pouco o não pisara  
a pata dum cavalo!  
Quis gritar, mas não pode. E, único gesto  
que abriu, foi um desfiar de lágrimas, silente;  
e, olhos febris, rosto congesto,  
viu seus hulanos  
partirem tristes, tristemente...

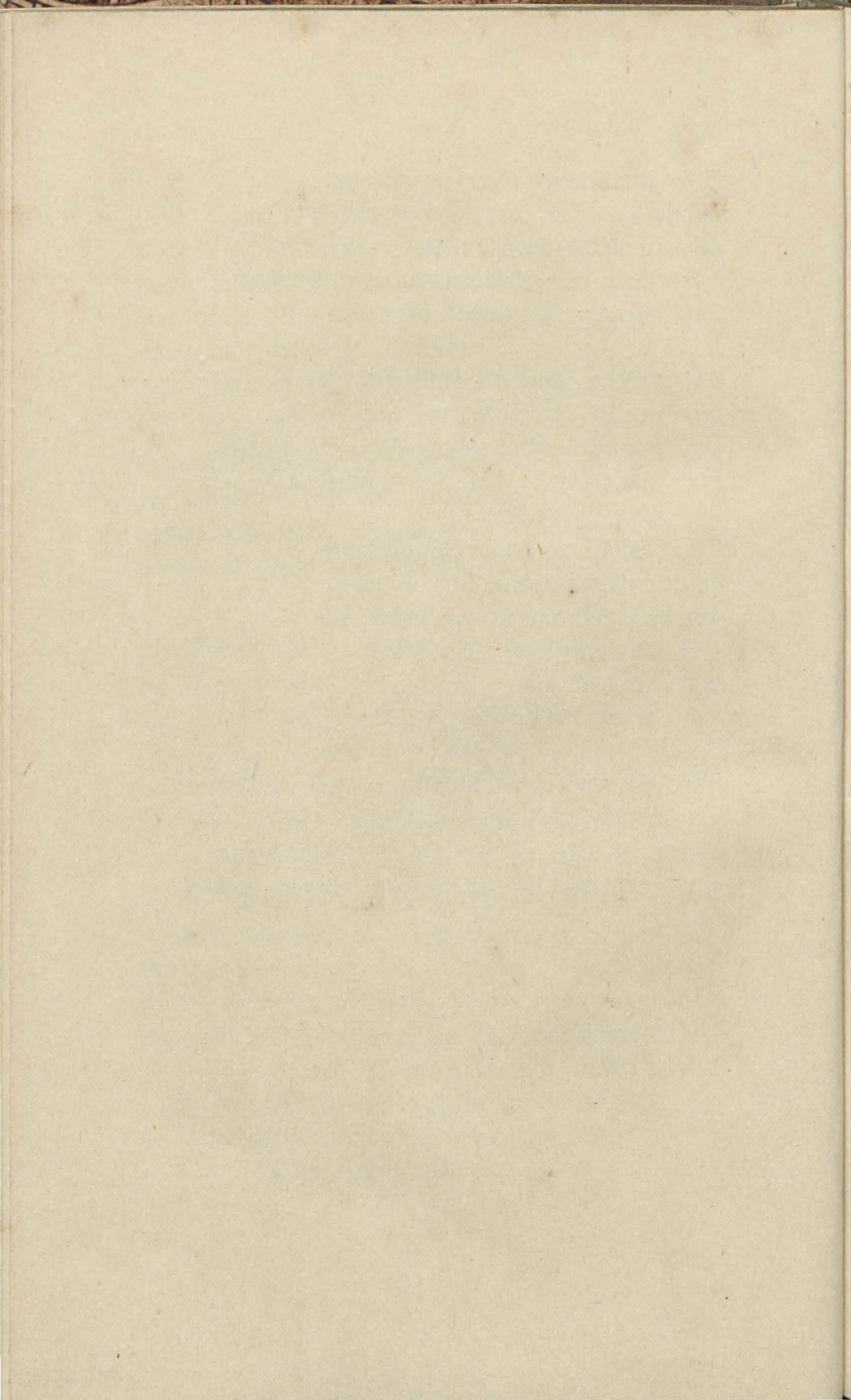
E os passarinhos riem desumanos...  
Sobem aos ares os primeiros linos,  
num triunfal e transbordante surto;  
e em cima dêle, com seus pios cristalinos,  
libra uma cotovia o vôo curto...

Vai expirar. Já, numa ardência louca,  
sente a sêde da febre que o acabrunha...  
Vai expirar... Mas só o estio o testemunha,  
e a abelha matinal que lhe zumbe na boca...

E Gretchen? a rosada companheira  
de dez meses apenas! e o filhinho  
que está para nascer por êsses dias?...  
— Tantas quenturas de lareira!  
tanto aconchêgo de seu ninho!  
tanto amor! tantas alegrias!...

Principiavam ao longe os roncões e os estouros...  
Vincou desoladoramente a frente.  
Morreu sòzinho. Mas o Sol, lá do horisonte,  
pôs o espasmo da luz nos seus cabelos louros.

\* \*  
\*



Guilherme



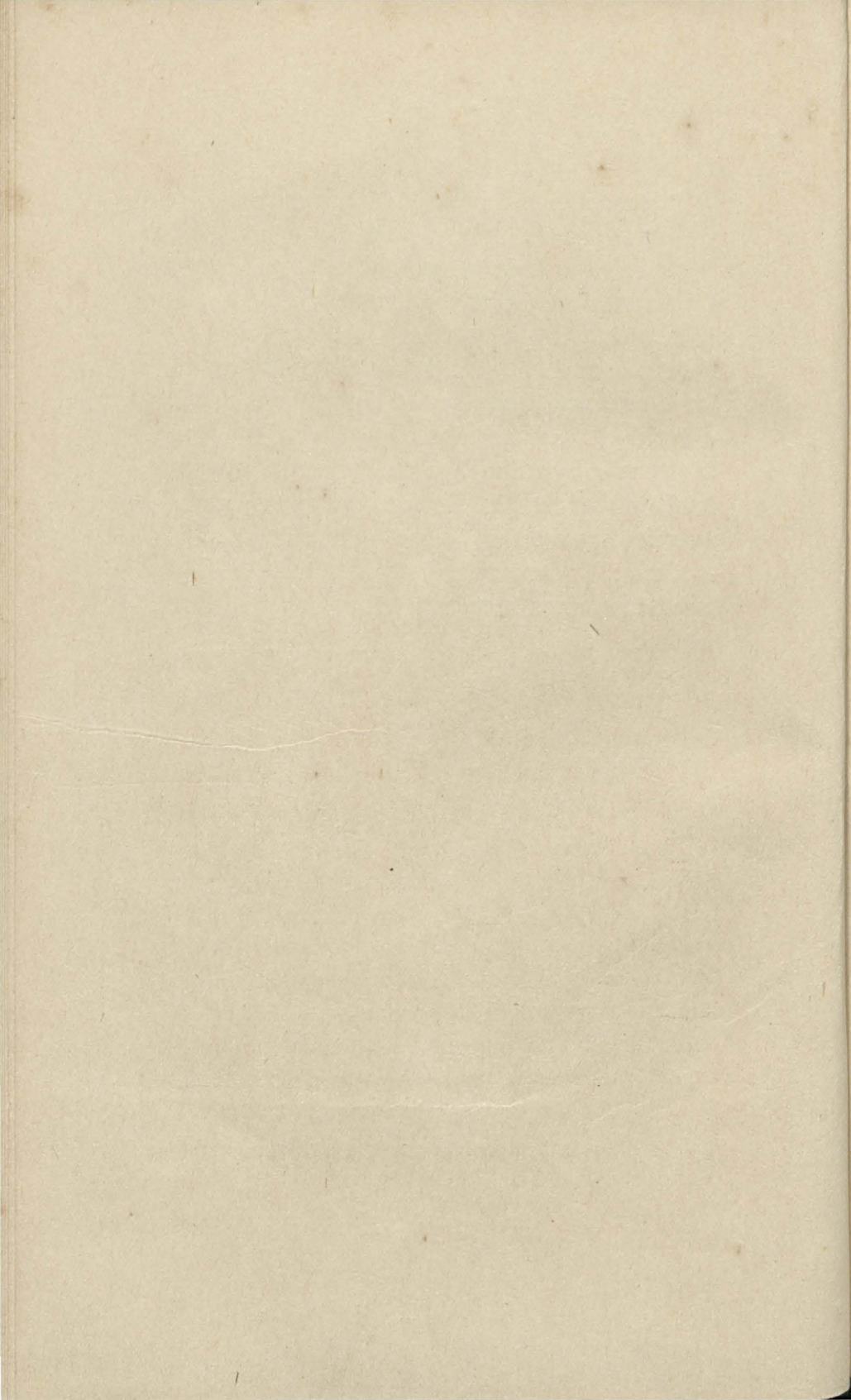
Ser feliz é ser grande. Imenso de alma,  
inda que o corpo se lhe dobre...  
E' alcançar a região etéria e calma,  
onde a alma viva enfim, nua e desimpedida...  
Indiferentemente  
ou sendo rico, ou sendo pobre,  
ser feliz é encontrar no fim da vida,  
de torna-viagem para a povoação,  
a inflexível consciência, e encaral-a de frente:  
e ajoelhar para a coroação.

Ser grande é ser bom. Justo  
na maneira de agir e no discernimento...  
Não é apenas plagiar Alexandre ou Augusto,  
sem que de glória e honras se farte:  
antes é mitigar o humano sofrimento,  
e ter o bem como estandarte.  
Ser grande é compartilhar o chôro largo  
do mundo; agindo de tal forma,  
a deixar para o fraco uma lei e uma norma,  
e um beijo doce em cada lábio amargo...  
E' pêla fôrça real das sábias energias,  
apagar o sarcasmo e as ironias...  
E', pêlo amôr que aleita e orvalha,  
e pêlo gênio cálido e eficaz  
por sôbre a inveja uma eternal mortalha,  
e erguer, sôbre a mortalha, a figura da paz.

E, não pensando em si, dar a felicidade,  
— conlicendo que a glória apenas dura  
o quarto-de-hora desta vida,  
no minuto sem fim da eternidade —  
desdenhar para si toda ventura;  
desatulhar a estrada interrompida;  
e, sem baquear na faina um só instante,  
para que o povo passe adeante  
terraplenar os Pireneus e o Jura:  
é ter a luz e compreender a luz,  
é ser bom finalmente, é ser Jesus!...

— Mas o pior dos homens dêste mundo,  
o menor, o mais triste, o mais mesquinho,  
deve de ser o homem que andando seu caminho,  
é infecundo no espírito, e fecundo  
só nos desvaios e erros que pratica;  
deve de ser o homem que andando seu caminho,  
faz desgraçado quem se lhe aproxima;  
e á própria caravana, inumerável, rica,  
faz tomal-o por Deus, e a enlouquece e dizima...  
Infeliz! Pensa em luz, e engendra escuridades;  
quer replantar o bem, o mal deita raizes!...  
— Certo: é a maior das infelicidades  
fazer dos outros homens infelizes.

\* \*  
\*



## Devastação



Já foi aquí a civilização,  
Brilhou a luz. Cantou a fé. Riu o trabalho.  
— Mas no rebanho ha-de haver sempre algum tresmalho:  
tresmalhou a afeição;  
e veiu a derrocada.

Seguindo os largos rios nos seus cursos,  
nas faldas da cadeia abruta e torturada,  
junto ao primeiro roble secular,  
muito antes, tinham vindo os homens se agrupar,  
na defeza comum contra as renas e os ursos.

— E a esperança brilhou, como sempre, a primeira.

Conseguiram vencer. O último urso brama,  
e rebenta-lhe o crâneo o machado de pedra...  
Já pascem, junto ao lar, domesticadas renas;  
o homem pensa em plantar, e o terreno se redra...  
Enfim, na encantação de amplas tardes serenas,  
— canta no alqueive o rouxinol, a terra cheira —  
ao convívio do bem-estar,  
o homem pode mirar a companhia  
e coloca-la num andor...  
E quando, pêlas manhãs claras,  
avoaçou a calhandra sôbre as searas,  
houve searas também, plantadas pêlo amor.

— E o amor brilhou em cada lar.

Pêlo trabalho, pêlo engenho o homem procura  
fortificar então sua ventura.  
E' só lançar a mão: e mais, e mais,  
grassa na concha dos concales calmos  
a poesia alourada dos trigais...  
...É só lançar a voz: e sôbre o monte,  
e sôbre o vale, e no horisonte,  
e em toda parte lhe respondem outras vozes...  
Sobem os fumos pêlo céu — que ao fogo  
já se derretem os metais —  
já se não temem animais ferozes;  
tudo é progresso!... Então, reunidos no sopé  
da cadeia, a cantar, como em glórias e salmos,  
soltam aos ares o primeiro rôgo...

— E rebrilhou a fé.

Crea-se o livro. Os homens pensam.  
Pensam e agitam-se em tumulto.  
Por sôbre os seus trabalhos paira a bençãam:  
e todos os trabalhos tomam vulto;  
O saber suspicaz penetra o alto segrêdo  
da vida. E' tudo um labutar de sciência  
O homem afoita-se, descobre, perde o medo...

— E brilha, ativa e forte, a inteligência.

E êle atinge afinal o cume do Jungfrau.  
Olha em redor e vê, na campina tamanha,  
uma herança que é sua e que se perde alem:  
e tem um pensamento mau.  
Êle atingiu o cume da montanha!  
Só êle é grande, mais ninguem!  
Cogita, e se entremeia em labirintos  
de sofismas agudos; e, infeliz!  
diz tudo o que não pensa ou que não sente,  
mas o que sente ou pensa nunca diz.  
Construi teorias, alevanta em plintos  
novo ideal, que lhe é Deus; e, indiferente  
encara o mundo e nada o maravilha...

— E o orgulho máximo e insensato, brilha.

Vem a rivalidade, a traição, a mentira,  
o exagêro da glória, a negação da falta;  
Caim mata de novo Abel, — mas por mais alta  
que sobressaia a eterna voz,  
aos seus ouvidos não ha voz que fira! —  
Mesmo os Abeis tornaram-se Cains;  
e os homens todos, na avareza atroz,  
ganiram, defendendo os bens, como mastins...

A afeição tresmalhou. E no estêrco fecundo  
de mil invejas e ambições, abrolha  
a flôr de púrpura da guerra... E o mundo  
todo, a tremer nos seus arcanos olha.

Nêsse ponto do globo, onde o passado  
viu continuar, em surto resplendente,  
as civilizações do antigo oriente,  
nas águas batismais das energias novas,  
tudo é um imenso plaino devastado!  
O homem voltou ao seu estado primitivo:  
blasfema, odeia, trai, e sepulta-se vivo  
em trincheiras, sinistras como covas...

Cruza os espaços, rebentando, atroa  
a cólera do obús;  
e no arruido, no choque e na fumaça,  
a civilização perde a coroa,  
e treme, e foge, e tomba e se espedaça,  
desertando da grande luz!...

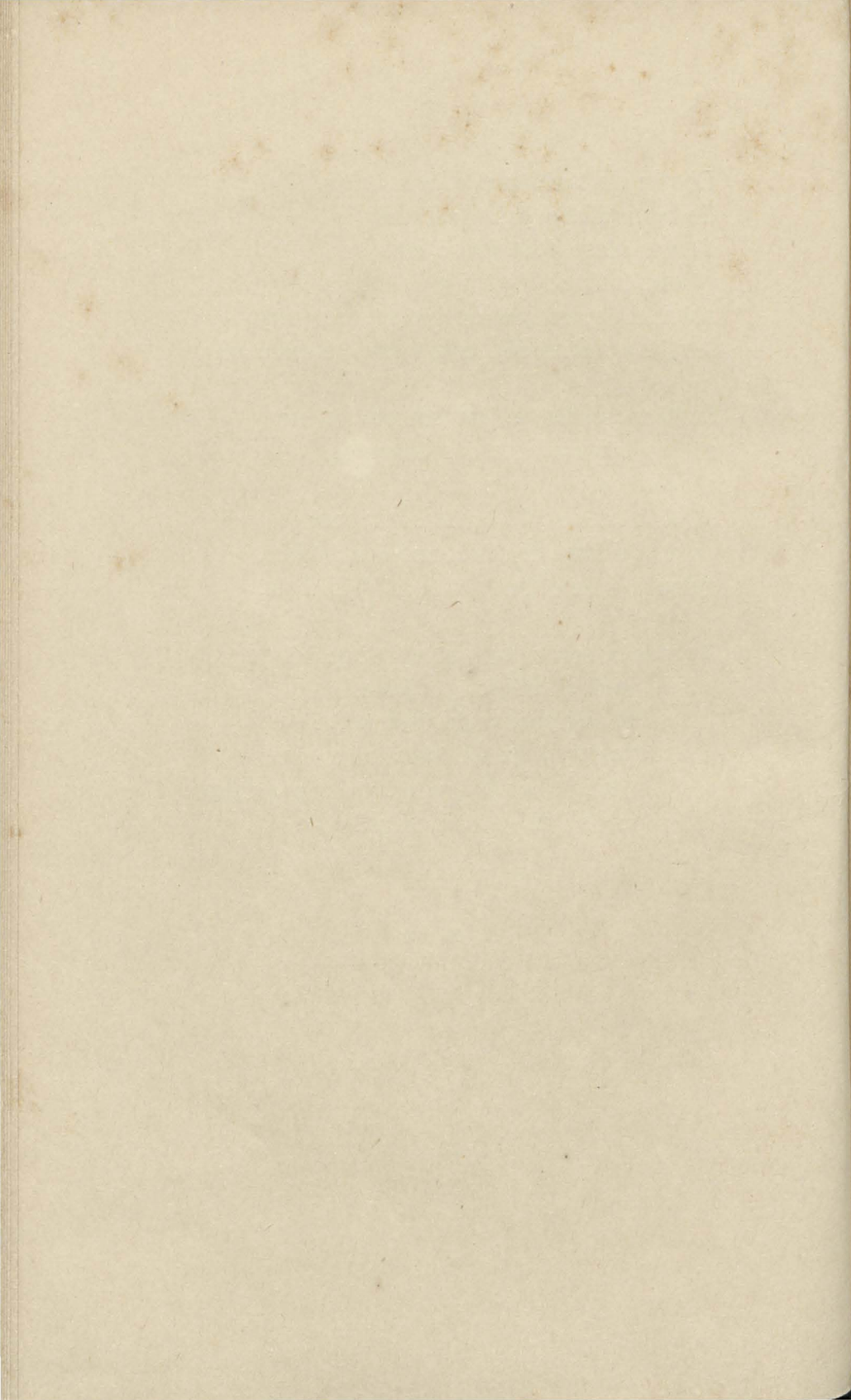
. . . . .

Deante de tanto mal e tanta ruina,  
de tanta inveja parda e estulta,  
deante dêsse ódio frio e crú,  
pálida, imóvel, trágica e divina,  
sôbre a devastação que cresce e avulta,  
surgiu a minha dôr, como um mármore nú.

Surgiu, cresceu, e, imensamente branca,  
com o branco triste dos enfermos,  
na compunção atroz do seu sofrer,  
a minha dor sem lágrimas, nos ermos  
onde o último eco dos canhões estanca,  
gelou o íntimo gesto e nada quis dizer.

Apenas, a sorrir, num sorriso que punge,  
palida, imóvel, trágica e divina,  
olha sem ver para a devastação...  
A esperança talvez lhe santifica e unge  
o olhar, mas o sorriso, o sorriso que a mina,  
traí o penoso fel duma desilusão.

\* \*  
\*





## Natal

Natal... Hora de sinos badalando,  
de neve branquecendo pinheirais;  
hora de pés de criancinhas arrastando  
pêla brancura lisa do caminho;  
hora do cândido velhinho...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

A neve, sempre a mesma,  
cai, continua de cair: e o vento  
— Bruscas rajadas brancas — se desfralda,  
como túnica de avantesma,  
rasgando-se á desmantelada espalda  
do grande, velho monumento...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

Pêlas ruas escurecidas  
andam caladamente os grupos uniformes...  
Não tem mais galas o natal! apenas  
no trabalhar dos hospitais,  
tratam da cura de feridas  
de hediondas chagas e lesões enormes,  
alvas mulheres silenciosas e serenas...

Natal... Mas não ha luzes nas capelas!...  
Nem pratas de lavrados castiçais  
onde luziluzam as velas!...

Natal... Mas não ha longas espirais  
de incenso, a se enroscar pêlos altares!...  
No colo virgem de Maria,  
junto dos anjos tutelares,  
rindo, estendendo seus bracinhos nús,  
nem se lembraram — quem se lembraria! —  
nem se lembraram de repor Jesus!...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

Num silêncio de múmia, brancacenta,  
a noite corre... Batem doze badaladas.  
Onde estão as canções desabaladas  
dos sinos gárrulos?... — Friorenta,  
a grande catedral emudeceu:  
e para ela a alegria dos natais,  
toda a alegria dos natais morreu!...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!...







## Lovaina

Abriam-se inda no ar alguns obuses,  
como flocos de paina ;  
e, ao barulhar bramante do barulho,  
tectos tombavam, e brotavam luzes,  
onde fôra Lovaina...

— Mas no meio do entulho,  
nas avenidas e nas alamedas  
tresloucadas, sem rumo,  
onde ladrava, sob o fumo,  
a cainçalha das labaredas;  
mas pêlas vastas praças atupidas  
de destroços heris de monumentos;  
nas ruas de comércio, onde mil vidas  
jaziam, envolvidas  
na mortalha dos desmoronamentos;  
mas nos palácios, nas mansardas,  
nos esqueletos das habitações,  
nas escolas estraçalhadas,  
nos átrios, nos terraços, nas escadas,  
no torvelim dos mortos e das fardas,  
na boca muda dos canhões,  
naquele hediondo incêndio triunfal:  
não calculei ao desastroso mal  
toda a incomensurável extensão!  
Não vi o exício duma grei humana,  
o destino infeliz duma raça espartana,  
o fim terrível duma geração!  
Si houve crime nefando,  
não lhe medi a imensidade:  
só, dentre as ruínas da universidade,  
eu vi os grandes livros fumegando!



## Os Carnívoros

Quando a paz vier de novo, nova e franca,  
passar nestas estradas e caminhos,  
novas aves talvez e novos ninhos  
hão-de agitar-se pêla manhã branca...

Novos ventos virão da serra,  
húmidos, rindo-se, esufiar no prado;  
e novamente, regoando a terra,  
ir-se ha, rangindo, o arado...

Pouco tempo depois, pêla estrada, os viandantes  
verão, cobrindo os campos marginais,  
os brocados trementes, ampliondeantes,  
as roupagens custosas dos trigais...

Virão novas colheitas,  
virão risadas a remir fadigas,  
virão manhãs de acordar cedo.  
virão as tardes feitas  
de conversas á sombra do arvoredos,  
virão as noites de bailados e cantigas!...

Toda a população ir-se ha nos vales  
colher o trigo novo e lourejante;  
e, na pressa afanosa, bem distante  
lhe passará da idea tanta luta,  
tantos passados males!

Pêlo campo ceifado, á Avè-Maria,  
na tarde enxuta  
e fria,  
enquanto o vento remurmura, meigo e brandos,  
mulheres de Milliet, robustas e curvadas,  
irão glanando, irão glanando...

Tudo será colheita e riso. — Então,  
depois de tantas fomes e misérias,  
de tantas alegrias apagadas,  
de tantas raivas deletérias,  
os celeiros de novo se encherão.

Mas o trigo abastoso dos celeiros  
relembra o sangue, a vida,  
os penosos momentos derradeiros  
duma geração toda destruída...

Olhai! hoje o trigal é mais verde e mais forte!  
O chão foi adubado a carne e sangue...  
Que importa haja caído um exército exangue,  
si deu a vida ao trigo tanta morte!

Êste é o trigo que é pão e alento!  
Vós que matastes com luxúria e sanha,  
vinde buscar o prêmio: é o alimento...  
Ei-lo: em raudal, em nuvem, em montanha!

Este é o trigo que nutre e revigora!  
E' para todos! Basta abrir as mãos!  
Vinde buscal-o!... — Vamos ver agora,  
quem comerá a carne dos irmãos!





*Este livro é teu, Saudade  
do lar; única fada que, es-  
pero, concitará os homens ao  
mútuo perdão, fazendo das  
trincheiras e das arenas de  
batalha a mais trágica das  
solidões.*



## INDICE

	Pag.
Biografia . . . . .	3
Prefácio . . . . .	5
Exaltação da Paz . . . . .	7
Inverno. . . . .	13
Epitalâmio . . . . .	15
Refrão de Obús . . . . .	19
Primavera . . . . .	21
Espasmo . . . . .	23
Guilherme . . . . .	27
Devastação . . . . .	31
Natal . . . . .	37
Lovaina . . . . .	41
Os Carnívoros . . . . .	43



